

Tudo azul

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Tudo azul. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 94-96. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Tudo azul

*“A vida é uma retífica, da ignorância até a sabedoria.
Mas depois virá a vivência, e aí, o homem se tornará divino.
Sim, também os deuses morrem.”*

Walter Smetak

– Tudo bem?

– Tudo azul: escrevo com lápis azul num céu azul...

– Deu de lembrar, Smetak?¹

– Eu aprecio esse choque interno entre lógica e absurdo, uma ação tão grandiosa como escrever de lápis no céu, sem deixar qualquer registro...

– E, além disso, quem não gostaria de possuir um lápis de escrever celeste? Seria um sonho fantástico, abrir a janela e escrever no horizonte...

– Obviamente há uma grandiosidade que enfrenta o divino, o céu sempre foi um lugar que a ancestralidade reservou aos deuses.

– É, mas curiosamente esse desafio aos deuses coincide também com um gesto de desconstrução do poder do autor/compositor, aquele que escreve, porém, nada... escreve nada. Só faz quando desfaz.

– É verdade, uma espécie de auto-ironia desconstrutiva, algo que a expressão inicial destila e anuncia – ‘tudo azul’. Como poderia estar tudo azul? Mas na verdade, está, o lápis é azul e o céu também.

– O sonho de onipotência humana anulado pela invisibilidade do ato. Não haveria aí uma certa culpa, bastante ocidental diga-se de passagem, contrastando com o azul cosmológico e imutável? Uma consciência de que os feitos humanos são fúteis e perigosos.

– Estamos lidando com a representação do apagamento de todas as marcas possíveis, não existem marcas, só o azul... Não existe Europa, filosofia, ciência ou artes, apenas o azul.

– Uma crítica do sonho ou sintoma de reencontrar a plenitude perdida através da elaboração de marcas, deixadas em cavernas ontem, na internet hoje. A plenitude seria o azul.

– São muitos conteúdos e universos que se encontram nessa imagem.

– Dá para lembrar de Fernando Pessoa (o conflito entre os seus heterônimos Alberto Caieiro e Álvaro de Campos), de Charles Ives com sua ‘Pergunta não respondida’ (ou irrespondível).

– Por outro lado, o que foi escrito, foi escrito. Existe algo que foi escrito, queira o mundo (destino, oriente, deuses) ou não. Está na memória motora de quem escreveu.

– Você está dizendo que, ao mesmo tempo, desafiando lógica-destino-mundo, essa imagem preserva o ato de criação, em sua invisibilidade?

– Pois é, precisamos discutir melhor essa invisibilidade, pois ela parece ser o significante central da imagem. Afinal de contas, existe uma diferença entre invisível e irreal. O que é invisível também existe, pode fazer parte da realidade psíquica e da realidade externa.

– Por outro ângulo, trata-se de uma invisibilidade bastante atual face à idiotização do mundo... pela via da aceleração do capitalismo, do poder instrumentalizador. As marcas inúteis ou simplesmente interessadas (em algo) se multiplicam e se inflacionam. Onde estariam as mensagens azuis escritas em fundo azul?

– Esse será o papel do artista sério? (Smetak usava esse adjetivo com seriedade). Ou talvez apenas os indígenas imaculados pela civilização sejam capazes de conceber esse azul celeste?

– Você pensa que o mundo pós-utopia é um mundo idiotizado? Ou seriam as utopias elas próprias entraves, que agora podemos imaginar ultrapassar?

– A ideia de ultrapassar algo não combina com o mundo azul da imagem. Não se pode ultrapassar o azul. Ele é o inultrapassável.

– Tudo bem?

– Tudo azul, mas como é que a gente sacode a poeira desse astral?

– Vamo lá:

Foi um dia um homem que foi caçar e pegou um bicho preto feito um urubu. Era o cão que estava fazendo penitência. O homem levou o bicho para casa e comeu. De noite o bicho começou a gritar na barriga do homem: Corró, corró, por onde eu saio? Saia pela boca. Corró, corró, tua boca é podre. Saia pelo ouvido. Saia pelo nariz. Saia pelo chicote. Seu chicote é sujo. Saia pelo umbigo. O bicho deu um estouro danado e o homem esticou a canela. (‘O homem que comeu o diabo’, contada por Wanderlina a Hildegardes Vianna, em 1950, na Bahia)

PS. Smetak e Hildegardes foram colegas de escola durante muitos anos. Porém, creio que pouco conversaram durante esse tempo.

¹Trata-se de um título de Walter Smetak (1913-1984) para um artigo publicado na revista ART (editado por mim). Smetak foi membro emérito do Grupo de Compositores da Bahia.